h2. O Ecofascismo

(Capítulo 5 do livro \_[Colapso->https://we.riseup.net/subta/colapso-carlos-taibo-espanhol+473841] - capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo\_, de Carlos Taibo)

>"Existem razões para estarmos inquietos, porque agora sabemos que vivemos em um tipo de sociedade que possibilitou o Holocausto e que não tinha nada que pudesse evitar que o Holocauso acontecesse" Zygmunt Bauman

> "O passo da barbárie à civilização exigiu um século; o passo da civilização à barbárie necessita apenas um dia" Will Durant

Já indiquei que a contribuição dos movimentos através da transição ecossocial não é a única resposta imaginável ao colapso. É preciso prestar atenção, em vez disso, a uma outra muito diferente, que vem da mão do que alguns estudiosos chamam de ecofascismo. Este último é baseado na intuição de que para resolver eficientemente o problema geral da escassez não há outra solução do que propiciar um rápido e forte declínio no número de seres humanos que povoam o planeta.

Tal aposta carrega, claro, a marginalização, e, neste caso, o extermínio, de boa parte da população, amparada na aplicação de delicados critérios para determinar quem fica e quem não. Se às vezes a opção de exclusão e de extermínio justifica-se em virtude de códigos religiosos, outras invoca um mero poder material e algumas vezes se vale de presumidas exigências naturais, ela sempre opera com base em uma ideia matriz: a de que a Terra não pode mais.

Admito que, inevitavelmente, o emprego do prefixo eco-, comumente conotado de forma positiva, acaba produzindo alguma surpresa quando usado para retratar uma realidade tão negativa como a que agora me ocupa. Terei a oportunidade de destacar, no entanto, que distintas manifestações da ecologia estiveram presentes, de forma indelével, nas formulações ideológicas, e nas práticas cotidianas, de movimentos de corte fascista. É importante deixar claro, contudo, que hoje, ao falar de ecofascismo, não estou pensando – ou não estou pensando fundamentalmente – em eventuais versões verdes de forças políticas de extrema direita, mais ou menos marginais. Penso, pelo contrário, em abordagens que vêm à luz no ceio de instâncias políticas e econômicas de primeira ordem. Convém discutir, em qualquer caso, que, falando propriamente, o ecofascismo seja uma resposta frente ao colapso: na verdade, parece que ele é, pelo contrário, uma manifestação precisa deste último.

h3. O ecofascismo primeiro: a Alemanha hitleriana

Ecofascism Revisited (O ecofascismo revisitado), o livro de Janet Biehl e Peter Staudenmaier, é, acima de tudo, um estudo da proposta ecofascista assumida pelos nazistas alemães. Nas páginas dessa obra, recorda-se prontamente que no Partido Alemão Nacional Socialista operava um influente grupo de pressão ecologista dedicado a tarefas variadas, como a adoração da natureza, o renascimento da vida rural ou o vegetarianismo. Essa corrente foi o produto de uma síntese muito singular entre naturalismo e nacionalismo de Estado, forjada ao calor da influência do irracionalismo anti-ilustrado próprio de determinadas manifestações do romantismo alemão. Por trás de muitas destas posições era fácil notar, além disso, um vínculo entre pureza ambiental e pureza racial. As tradições e a língua se relacionavam então com uma paisagem ancestral que desenhava seres humanos vinculados a ela e outros totalmente afastados. Os primeiros se referiam, no caso que me ocupa, à “essência alemã” da que fala Rudolf Bahro. Era preciso separar, então, e em virtude da lei natural, umas culturas de outras e privilegiar, como faz Herbert Gruhl, as que possuem as melhores perspectivas em matéria de sobrevivência, que são as que estão mais bem armadas e as que sabem preservar seus recursos. Desde esse ponto de vista, e adicionando-se, claro, a noção do autoritarismo e da repressão, é possível entender o extermínio dos judeus europeus durante a segunda guerra mundial e a rejeição abrupta dedicada aos imigrantes. Biehl conclui, com argumento certeiro, que “esta combinação de nacionalismo, autoritarismo e admiração por líderes carismáticos, legitimada por uma ‘ecologia’ mística e biologicista, é potencialmente catastrófica no terreno social”. Staudenmaier aponta que a guerra travada com esses fundamentos não foi apenas genocida: teve também um caráter ecocida plasmado num formidável exercício de violência contra a natureza.

Biehl e Staudenmaier ressaltam que seria, contudo, um erro considerar esta corrente ecologista como um mero adorno da parafernália tecnocratica-industrial dos nazistas. Nos fatos, e antes deles, a maioria dos ideólogos nacional-socialistas participava de um romantismo agrário e de um anti-urbanismo que reclamava um processo de re-agrarização. Em março de 1933, foram aprovadas leis que acarretaram, em todos os níveis, programas de reflorestamento, medidas de proteção de animais e plantas, e decretos que limitavam o desenvolvimento industrial. Em 1935, ganhou corpo, por outro lado, uma lei de proteção da natureza voltada a proteger a flora, a fauna e os “monumentos naturais” do Reich. É importante enfatizar, contudo, que o fenômeno que me atrai agora não foi de modo algum exclusivo da Alemanha hitlerista. Se fez valer também, muito pelo contrário, na Itália fascista, sob a forma de políticas de desenvolvimento ruralizantes e de esforços de reflorestamento, estreitamente ligados, como se poderia esperar, com uma ideologia nacionalista e racista. Os exemplos mencionados nos colocam de sobreaviso, é claro, frente a possíveis usos abjetos da ecologia.

Convém, no entanto, dar mais um passo e formular alguma consideração relativa ao contexto em que ganhou corpo o ecofascismo primeiro. O melhor guia a esse respeito é por acaso um livro de Carl Amery que leva o título de Hitler aus Vorläufer: Auschwitz – der Beginn des 21 Jahrhunderts? (Hitler como precursor: Auschwitz, começa o século XXI ?). Essencialmente, Amery ressalta que seria um grande erro concluir que as políticas abraçadas pelos nazistas alemães remetem a um momento histórico singularíssimo, conjuntural e, por isso, afortunadamente irrepetível. Amery nos exorta, pelo contrário, a estudar em detalhes essas políticas dado que elas podem reaparecer, nos próximos anos, dessa vez não defendidas por grupos ultra-marginais de neonazis, mas postuladas – já sugeri isso antes – por alguns dos principais centros de poder político e econômico, cada vez mais conscientes da escassez geral que se aproxima e cada vez mais firmemente decididos a preservar esses recursos escassos em umas poucas mãos em virtude de um projeto de darwinismo social militarizado.

Sobram, além disso, razões para afirmar que existem estreitos vínculos entre o nazismo, por um lado, e o racismo e o imperialismo característicos do século XIX, por outro. Zygmunt Bauman apontou muito bem que “o Holocausto nasceu e foi executado em nossa moderna sociedade racional, num alto estado de nossa civilização e no auge da realização cultural humana, e por essa razão é um problema de nossa sociedade, civilização e cultura”. Theodor W. Adorno, por sua parte, viu no nazismo a manifestação de uma barbárie “inscrita no princípio mesmo da civilização”. Em toda esta trama, é muito relevante o conceito de Lebensraum (espaço vital). Goebbels apontou que o objetivo da guerra era garantir aos alemães “um grande café da manhã, um grande almoço e uma grande janta”, sem que para alcançá-lo, aparentemente, houvesse importância que as pessoas não alemãs morressem de fome. Essa promessa de uma vida melhor que se circunscrevia aos nossos reclamava, nas palavras de Amery, um “programa assassino que seria executado por um povo superior” e que outorgaria a este o “poder e bem-estar através de uma agressão permanente, ao mesmo tempo que combatia a limitação dos recursos do planeta mediante a correspondente submissão e dizimação dos povos escravos”. Com Hitler, também se revelou a defesa de uma espécie de “destino manifesto”, de um direito cuja legitimidade não precisava ser demonstrada, já que beneficiava uma raça ontologicamente superior. Na mesma esteira, e em seu artigo Eichmann em Jerusalém, Hannah Arendt nos lembrou que os nazistas queriam “decidir quem devia e quem não devia habitar este planeta”. Nos bastidores, e retornemos a Amery, os próprios nazistas demonstraram uma formidável capacidade na hora de amedrontar os cidadãos alemães e transmutá-los em seres entregues à mais estrita e irracional obediência.

Entre as consequências da aposta hitleriana estavam a autoatribuição de uma “missão civilizadora”, a implantação de uma dupla guerra – colonial, contra os eslavos, e anticolonial, contra os judeus –, um culto às raízes que se associa com uma rejeição xenofóbica das pessoas que não as compartem, a degradação da imagem das vítimas, que muitas vezes foram convertidas em opressores, e uma visível rejeição da imigração acompanhada de uma obscena defesa da eutanásia. Como resultado, encontraram-se natureza e política, ecossistema e habitação, necessidade e desejo. E nesta ordem de coisas, é preciso destacar – volto ao argumento – que em muitas ocasiões o extermínio, ou a marginalização, não se justificou sobre as bases das necessidades do capital, mas, pelo contrário, em virtude das restrições que se derivaram da natureza.

h3. Demografia e autoritarismo

O projeto ecofascista coloca em primeiro plano uma discussão demográfica que tem seu fundamento maior na ideia de que na Terra estão sobrando muitos de seus habitantes. Falou-se do efeito, e por exemplo, de uma possível população planetária de 1000 a 2000 milhões de seres humanos para o ano de 2100, entendendo-se que essas cifras não são necessariamente o produto de um ecofascismo: elas poderiam constituir, sem mais, a resposta da adaptação a um cenário marcado pelas numerosas restrições derivadas do colapso. Para Hamilton, e numa perspectiva próxima, a redução da população se produzirá com ou sem ecofascismo.

Mas também não é demais mencionar propostas como aquela que pretendia reduzir a população do planeta a 600 milhões de pessoas – um cenário compatível com a sobrevivência da biosfera –, presumivelmente realizada pelo chamado Clube Bilderberg na sequência de muitas das iniciativas ironicamente retratadas por Susan George no Relatório Lugano 566. George sugere que, perante uma crise geral, as autoridades mais altas teriam chegado à conclusão de que a única forma de salvar o sistema é uma “estratégia de redução da população”. Nos encontraríamos frente a um tipo de resposta biológica do grande capital, que desfrutaria de uma adesão adicional resgatada por Amery, para quem “se está partindo do pressuposto de que, graças às últimas inovações técnico-científicas, apenas vinte por centro da população planetária é suficiente para satisfazer toda a produção desejada da economia mundial”, com as consequências esperadas. Na mesma linha argumentativa, há que recordar as já numerosas teorizações que, na onda de Naomi Klein, enxergam nas catástrofes naturais uma oportunidade, não para mudar drasticamente nossas formas de vida e nossas relações, mas para, na verdade, melhorar a economia. Destacarei que aos olhos de Milton Freidman as sequelas do furacão Katrina em Nova Orleans ofereceram uma oportunidade única para reformar de maneira radical o sistema educativo, na medida em que retiraram muitos dos obstáculos que dificultavam as reformas desejadas. O mesmo aconteceu com a reconstrução do Haiti, tão proveitosa para um sem-número de empresas privadas. A própria lógica do capitalismo verde, que concebe o meio ambiente como um negócio, se encaixa perfeitamente em suas considerações. Na verdade, nada retrata melhor o que significa simbolicamente o capitalismo verde que essas gigantescas torres edificadas, no meio do deserto, em Dubai, totalmente insustentáveis mesmo utilizando as técnicas mais modernas em matéria de economia de energia e recuperação de água.

Já apontei – e volto a fazê-lo – que se no passado a eutanásia dos pobres se justificava sobre a base das necessidades do capital, agora se começa a acrescentar, para cimentá-la, um suposto compromisso com o planeta e sua preservação. É certo que os critérios de seleção de quais pessoas devem ser salvas nem sempre são claros, por muito que sejam, isso sim, fáceis de intuir. Entre os beneficiados estarão, com certeza, muitos dos habitantes dos países ricos e as elites dos países do Sul – são frequentes os exemplos de habitações de gente abastada preparadas para o colapso, como também os de estoques de vacinas e medicamentos –, e entre os perdedores a maioria da população dos países pobres, as minorias estrangeiras, os idosos e os deficientes. Embora se espere que o grosso da população de determinados espaços geográficos se salve, não cabe descartar, inclusive nestes cenários, a implementação de medidas de proibição de imigração, de estrito controle de nascimentos, de extensão do aborto e do infanticídio no caso de malformação, do fechamento de horizontes vitais para os idosos e da eutanásia voluntária. Em termos gerais, não interessarão, tirando as elites, as pessoas que nem sequer servem como força de trabalho ou, o que é quase o mesmo, aquelas que não trabalham nem consomem.

Não surpreende a afirmação de que o ecofascismo reclama um projeto político manifestamente hierarquizado.

Cabe supor que seus impulsionadores, que se autointitulam como salvadores, serão em alguns casos líderes carismáticos. Receberão o apoio das camadas da população que preferirão perder direitos às custas de manter – ou de intuir que manterão – certos privilégios. Esses impulsionadores talvez criem novas instituições que apontarão para uma franca militarização da vida coletiva e espalharão o terror e o medo. E não apenas isso: destacarão a ideia de que é preciso fazer frente a um sem número de inimigos hostis. E provavelmente estimularão as divisões religiosas, étnicas, linguísticas e de classe. É verdade, contudo, e como tenho a oportunidade de recordar em várias ocasiões nesta obra, que a quebra das relações de mando e controle que virão, em uma ou outra medida, com o colapso será traduzida em problemas na implantação de uma imaginável maquinaria ecofascista.

h3. Impérios e países do Sul

Parece evidente que boa parte da discussão que acabo de desenvolver se sobrepõe a uma história que vem de longe: a dos impérios e a das rédeas usadas por eles nos países do Sul. Tentarei delinear alguns argumentos para explicar como o horizonte do ecofascismo se vincula com as lógicas imperiais e com a pilhagem desses países.

Começarei pelos impérios, hoje em dia imersos em numa irrefutável fuga para frente que se manifesta, e me fio nos exemplos vinculados com o conteúdo geral deste livro, no projeto de abrir uma nova via de comunicação marítima no Ártico e na possível exploração de novos depósitos de matérias-primas. A primeira coisa que é preciso destacar em relação aos impérios é a dificuldade de mantê-los, o que vai de mãos dadas com a necessidade de empregar uma força que não estará tão claramente à sua disposição em um momento de escassez geral de recursos. Vaclav Smil sublinhou que os EUA se converteram em um império em boa medida por meio do emprego muito extenso de uma energia que obviamente faltará. A debilidade repentina das tecnologias a serviço do ecofascismo pode traduzir-se, por outro lado, numa maior violência num cenário marcado por um paradoxo: os impérios mostram uma extrema dependência com respeito aos territórios dominados. O que durante muito tempo deu força aos impérios, a centralização, está a ponto de se converter em um problema agudo, na medida que o resultado será um sistema insustentável. E não parece que o tipo de disseminação de instrumentos de intervenção que se prepara, amparada por uma mistura de forças armadas regulares e exércitos privados ou tropas mercenárias que funcionarão de maneira mais ou menos autônoma, permita encarar os principais desafios. Os impérios terão que fazer frente, além do mais, a fluxos regionais autônomos cada vez mais significativos e, ao mesmo tempo, a uma menor ligação entre as diferentes áreas do planeta.

Faz sentido identificar alguns dos problemas militares precisos que previsivelmente sucederão. No caso dos Estados Unidos, Greer estima que os três maiores problemas serão o que se espera que aconteça com a dissuasão nuclear, a sobrevivência de aliados como Israel e, em suma, o controle da fronteira meridional do país. Saltam à vista, de qualquer forma, as delicadas tecituras que podem se revelar no que se refere à manutenção e ao uso de armas nucleares, que necessitam um controle exaustivo e permanente. A isso se somarão, previsivelmente, a perda de informação sobre sua localização e as incógnitas que se derivam da proliferação deste tipo de armas. Juntamente com as cinco potências nucleares tradicionais, desponta hoje a presença de países como Israel, Índia, Paquistão ou Coreia do Norte. Quem pagará, por outro lado, e num terreno próximo, os contratos dos técnicos e engenheiros encarregados de manter as usinas atômicas? O que acontecerá com os arsenais de armas químicas e biológicas? Não haverá problemas com barcos, aviões e submarinos, dado suas altas tecnologias dificilmente sustentáveis, com a informática como um delicado calcanhar de Aquiles? Não terão sido, enfim, os sucessivos fiascos dos militares estadunidenses no Afeganistão, no Iraque e na Síria uma prévia do que acontecerá em larga escala?

No que concerne aos países do Sul, também encontramos paradoxos. Parece que serão o terreno, antes de mais nada, da enésima operação de rapina imperial, à mercê de uma renovada pulsão que tanto aspirará ao controle de matérias-primas escassas como à ocupação de espaços de importância geoestratégica. Falo, além disso, de regiões do planeta bastante afetadas pela mudança climática e muito vulneráveis frente a eventuais subidas nos preços da energia. Segundo uma estimativa, um aumento de 10 dólares no preço do petróleo provocará um retrocesso de 3% no PIB destes Estados. São países, além disso, muito mais permeáveis à expansão de enfermidades, cenários habituais das revoltas do pão, que arrastam gravíssimos problemas sociais que afetam acima de tudo as mulheres, crianças e idosos, com situações particularmente críticas nas grandes cidades e com Estados manifestamente falidos, dotados de instituições muito frágeis marcadas pela corrupção e a deterioração de todas as relações. Claro que se apresentarão circunstâncias delicadas nos países do Sul, como é o caso dos efeitos do afundamento do comércio mundial, dado a péssima situação para as economias assentadas na exportação, da presumível extensão da pirataria, de um novo impulso experimentado pelas agressões ambientais – podemos prever, por exemplo, o franco desaparecimento das grandes superfícies arbóreas – ou de migrações massivas em busca de regiões mais tranquilas, comumente no norte do planeta, mas ocasionalmente, também, no sul (na Argentina e Chile, na África do Sul, na Austrália e Nova Zelândia, ou inclusive em algumas áreas da Antártida). Não faltarão, enfim, agudas confrontações internas com as pequenas ilhas protegidas – assim, e talvez, as áreas mais altas e chuvosas do continente africano – em proveito das classes abastadas.

Porém, faria mal esquecer que existem alguns elementos que contrariam o vigor do tétrico panorama que acabo de descrever. Embora historicamente os cenários de escassez tenham sido propícios ao desdobramento de genocídios, existem algumas razões convincentes para concluir que o colapso pode beneficiar indiretamente os fracos, ou ao menos pode ser, para eles, menos prejudicial que para os poderosos. Como já sabemos, isso pode muito bem ser assim, em particular, no caso de países pouco dependentes de energias estrangeiras e tecnologias complexas, ao ponto de que não seria demais sustentar que, quanto mais pobre um país, menores serão os problemas que, não sem paradoxo, terá que enfrentar. Num tipo de mundo ao contrário 586, em muitos lugares não haverá multinacionais exploradoras nem planos de ajustes do Fundo Monetário, e as desigualdades recuarão. Kunstler afirma que, ao recuperar o controle sobre seus recursos e parar de sofrer a devastação cultural que o Ocidente promove, os países pobres optarão espontaneamente por estilos de vida mais simples como os que, no passado, desenvolveram durante muitos séculos.

h3. Diante do colapso, será que os modelos autoritários servem?

Sou obrigado a encarar, mesmo que brevemente, uma pergunta delicada: na hora de enfrentar o risco do colapso, ou o próprio colapso, as sociedades autoritárias e hierarquizadas não estarão em melhor posição do que as que não apresentam essa duas características? Não é mais fácil que seja a China de agora, e não as democracias liberais – suponhamos que não são autoritárias e não estão hierarquizadas –, a que fará frente de maneira convincente à mudança climática? Há estudiosos que, cheios de razão, entendem que no mundo ocidental um dos principais problemas a esse respeito é o fato de que as grandes empresas dificultam qualquer abordagem séria aos elementos causadores do colapso. Cabe perguntar-se, no entanto, se em um cenário como o chinês não estão emergindo interesses e estruturas da mesma natureza ou, na falta disso, se a competição internacional na qual a China está imersa não conduz novamente a encurralar a luta contra a mudança climática ou a implementação de medidas que permitam lidar com o esgotamento das matérias-primas energéticas. É verdade que a China, para não sair do exemplo, declarou em dado momento que entre 2011 e 2015, e ao menos no papel, a maior preocupação das instituições não seria o crescimento da economia, mas a qualidade do desenvolvimento, e que em consequência, procuraria fórmulas que garantissem um menor uso do carvão e uma maior eficiência energética. Os esforços das autoridades para reduzir emissões se viram contrabalançados, entretanto, pelo rápido, e além disso irracional, crescimento da economia. Não convém esquecer, isso sim, que grande parte das emissões chinesas de CO² corresponde a produtos importados pelos países ocidentais .

Rudolf Bahro, outrora representante de um singular e heterodoxo marxismo na República Democrática Alemã, transformado num teórico importante de um tipo de ecofascismo suave – permita-se-me o oxímoro – na Alemanha destes dias, acredita que a crise ecológica deve ser resolvida em virtude de mecanismos autoritários implantados por um governo de salvação ou por um “Estado-deus”. Murray Bookchin, quem debateu na sua época com Bahro, disse que, e me junto a seu argumento, uma ditadura ecológica – em virtude de que estranho processo talvez surgisse? – seria qualquer coisa menos isso, ecológica, e acabaria, na verdade, com o planeta, além de operar em proveito de umas poucas pessoas. Acarretaria a glorificação do controle social, da manipulação, da coisificação dos seres humanos e da negação da liberdade, tudo isso em nome da resolução dos problemas ambientais. Diante da resposta de Bahro, de que semelhante afirmação não parecia prestar atenção ao lado negativo, o do egoísmo e da competição, da natureza humana, Bookchin se perguntou por que haveria de canalizar esse lado negativo através de sua institucionalização pela via da força, da superstição, do medo e da ameaça, e pela via, em paralelo, de ideologias bárbaras . Não seria razoável concluir que as instituições resultantes – acrescento –, longe de abraçarem qualquer procedimento voltado para enfrentar a crise ecológica, deixariam a rédia solta – aí está a Alemanha hitleriana para ilustrá-lo – para o lado negativo da natureza humana? A fórmula de Bahro não se converte em uma justificação subterrânea da dominação, da exploração e da hierarquia que estão, paradoxalmente, na origem das crises ecológicas? Não estaremos diante de uma transcrição de uma ideia muito difundida, de origem hobbesiana, que implica que somente um governo que faça uso de mecanismos coercitivos pode permitir que se enfrente os problemas que estão na origem do risco de colapso e, mais além deles, aqueles que são aplicados uma vez que este é verificado?

Minha franca rejeição das vias hierárquicas e autoritárias se revela em todos os âmbitos imagináveis. Não me parece outra coisa a não ser uma superstição, por exemplo, a sugestão de que os militares, por organização e disciplina, serão uma ajuda vital para lidar com o colapso. É mais fácil imaginar que eles se coloquem ao serviço dos projetos concebidos pelas classes dirigentes tradicionais. Tampouco aprecio que qualquer problema relevante seja resolvido pela defesa da necessidade de abandonar uma economia de mercado em favor de outra dirigida – seria preciso colocar-se de acordo, claro, sobre o que este adjetivo significa –, já que as economias dirigidas podem estar ao serviço, também, de um projeto ecofascista. Em outra direção, faz algum sentido imaginar que a democracia liberal, claramente subordinada aos interesses das grandes corporações, se torne em um mecanismo de salvação, no extremo, e durante urgências inevitáveis, da humanidade? Independentemente de como as coisas são, deixo o leitor nas mãos de uma pergunta provocadora: haverá um ecofascismo ocidental e outro chinês?

h2. Ecofascismo Revisto

@REVISAR - tá um horror ainda. Essa parte tá servindo de backup. NÃO usar!@

[http://humaniterations.net/2018/08/10/ecofascism-reviewed]

Sejamos claros: o ecocídio está em andamento.

Embora ainda possamos evitar as possibilidades mais severas do colapso ecológico global, há muito a situação tem sido sombria. E não é só uma questão do capitalismo ou do Estado estarem tomando decisões únicas e ruins, as tensões em jogo são profundas - vem do âmago do próprio homo sapiens.

A cognição humana e a colaboração social criaram uma explosão evolutiva temporalmente separada de uma resposta significativa do seu entorno ecológico. A evolução *biológica* avança ao passo de gerações e mudanças genéticas incrementais, mas nossos pensamentos saltam a frente, capazes de gerar incríveis e complexas construções em um minuto apenas. Isso dá ao nosso meio ambiente pouco tempo para adaptar ou reagir. A evolução tecnológica avança muito mais rápido que os processos biológicos evolutivos possam responder de forma efetiva, e, é claro, o leviatã político e a monstruosa infraestrutura nos alienam ao ponto de não nos importarmos com qualquer resposta. Os únicos sinais que emergem das nossas técnicas introduzidas adruptamente tendem a ser cataclísmicos: a extinção completa de espécies, o colapso das cadeias alimentares. Nossas cabeças se transformaram em pequenos ecossistemas, como ilhas, acelerados em milhares de vezes, gerando doenças e criaturas (na forma de tecnologias físicas e culturais) que o resto da Terra está completamente despreparado para lidar. Nossos monstros escaparam de nossas cabeças e passaram a devastar o mundo físico.

Nós, seres humanos, somos parte da natureza, no sentido de sermos fisicamente produtos de um passado biológico, mas estamos separados do ritmo lento dos ciclos estabilizantes de retroalimentação da biosfera terrestre. Toda mente ativa e esforçada é uma pequena explosão cambriana, granadas lançadas ao mundo, arrancando a carne daquilo que existe. Não podemos ser qualquer outra coisa sem que tranquilizemos nossos pensamentos ao passo de nosso ecossistema e de suas pressões glaciais evolucionárias.

A questão é profunda: nosso contexto ecológico - inclusive nossos corpos - são complexos demais para que possamos alguma vez predizer com perfeição as consequências de nossas ações. Porém, desacelerar, recusar a refletir e repensar nossas ideias, retornar ao instinto puro irrefletido, seria matar nossa própria consciência. Pensar, refletir, é gerar possibilidades, lançando-se para além do controle de formas surpreendentes e às vezes perigosas e destrutivas. Podemos abraçar a morte que é a previsibilidade e tornarmos engrenagens estúpidas num ecossistema estabilizado, ou podemos abraçar os riscos e perigos da liberdade, da invenção e da exploração. Podemos recuar para a segurança da identidade essencialista, para um papel cumprido de forma obediente e irrefletida, ou podemos assumir uma responsabilidade ativa, reconhecendo que ela envolve inerentemente a criação de novos problemas ao ladode nossas novas soluções.

De certo modo, toda questão política é ou uma faceta dessa tensão fundamental, ou uma distração dela.

Anos atrás, durante o colapso da Resistência Verde Profunda (Deep Green Resistance), um primitivista\*\* que estava gritando lixo transfóbico para aquelas de nós que confrontavam seus amigos de repente mudou de discurso: "Eu trabalharia amarradão com os nazistas para parar a civilização! É isso que importa!" Percebendo que havia perdido o público, ele decidiu fazer uma gritaria dizendo "Do What Thou Wilt" (“Faça o que tu queres!”###, pois é claro que ele fez isso.##

Mas, lamentavelmente - ainda que eu tenha me oposto ardorosamente - ainda tenho um pouquinho de simpatia por aquela posição.

Apesar de ter sido primeiro publicado em 1995, eu evitei firmemente a leitura do livro Ecofascismo: Lições da Experiência Alemã, escrito por Janet Biehl e Peter Staudenmaier.

Existe uma visão, para muitos anarquistas que apareceram naquele momento, do Velho Bookchin como um vilão. Essa narrativa é bem poderosa, quase vale subir num ringue por ela. Um esquisitão, arrogante e representante da Velha Esquerda do Mal, declara guerra contra As Crianças, faz papel de bobo, eventualmente se torna tão derrotado que ele dá um discurso sobre como não era um anarquista mesmo e para de nos atormentar com a sua campanha de dominação da anarquia e de nos mandar para reuniões na prefeitura.

Mesmo aqueles mais Vermelhos tendem a vender essa narrativa como "Sei que ele tinha uns bons pontos sobre alguma fração de pessoas de merda do outro lado, mas, caramba, ele virou um malucototalmente desconectado, e seus seguidores eram de dar vergonha."

Janet Biehl é uma dessas que se auto-intitulava de seguidora, uma que ainda se vê orgulhosamente levando adiante o trabalho dele - chegando ao ponto de dobrar a adoção do estatismo por Bookchin, indo explicitamente mais além do que ele foi. Enquanto Peter Staudenmaier aparentemente permanece um anarquista de alguma forma, ele também segue solidamente a tradição de Bookchin. Isso tudo é incrivelmente relevante porque o livro Ecofascismo foi muito visto como uma parte bastante explícita do cabo de guerra entre o círculo de Bookchin e seus críticos.

Naqueles dias remotos, o principal racha no anarquismo era entre Verdes e Vermelhos. E os Bookchinitas - devido a todo o seu falatório sobre ambientalismo - representavam firmemente o Time Vermelho.

Nesse contexto, não havia confusão com um título como "Ecofascimso" - o livro estava chamando todos os anarquistas verdes que discordavam de Bookchin, ou melhor, com quem ele discordava, de "fascistas".

Então, por duas décadas nunca me preocupei de ler o livro. No final das contas, todo mundo sabia do que se tratava o conteúdo. Eram apenas alguns casos escolhidos a dedo, onde alguns malucos do partido nazista uma vez disseram alguma coisa boa sobre árvores, uma enorme merda ridícula que gerava culpa devido a associações discursivas frágeis. Mais para um derradeiro insulto desesperado do que para um livro. Quando alguém coloca cocô de cachorro num pacote de papel pegando fogo na sua varanda, você não se detém para ler o que está escrito no pacote.

É estranho que esses instintos tribais perdurem por tanto tempo e estejam tão profundamente assentados. Eu já disse publicamente que o "nihilismo" é melhor compreendido como a cola anti-intelectual que sustenta criticamente ideologias como o fascismo. Também comparei o grupo "eco-terrorista" ITS, que fetichizava o assassinato, com os fascistas, perguntando que diferença ética relevante existe entre essas duas ideologias para que tenhamos respostas diferentes de cada uma delas. A reação a essas afirmações raramente se preocupava com coerência. As velhas narrativas, as velhas identidades tribais, falavam mais alto. Para muitos pós-esquerdistas, esses meus artigos vinham apenas de mais um sujeito substituindo Bookchin. Esse cara vem atacar nossa família, nos chama de fascistas, provavelmente vai tentar empurrar os antifa para nos dar uma surra já que não somos esquerdistas devotos o suficiente ao seu credo. Um anarco-policial. Ou algo do gênero. Mas, sabe de uma coisa? Eu ainda carrego esses mesmos vieses tribais - aquela profunda hostilidade pós-esquerda - com relação ao Ecofascismo.

E embora o Ecofascismo seja um texto imperfeito, lambuzado com algumas posições ideológicas maçantes a la Bookchin, fiquei surpreso com a simplicidade, a objetividade e o quão não polêmico da maior parte do livro.

Antes de lê-lo, desencavei algumas reações antigas, buscando me precaver com uma boa dose de julgamentos críticos. Mas mesmo antes de ler Ecofascismo, era desalentador perceber o quão porcamente se sustentavam minhas respostas de antes. Coisas como "na real, os Verdadeiros Fascistas são aqueles que estão cortando as árvores".

Mesmo as melhores críticas não passavam do óbvio, "Toda ideologia possui sobreposições em algum ponto com qualquer outra ideologia. Aquelas do regime nazista com o ambientalismo são irrelevantes. Até mesmo apontar isso é obviamente uma tentativa de difamar por associação."

Já de partida, ninguém queria aceitar o termo "eco-fascista". E, de fato, é assombroso que a afirmação "isso não existe!" tenha virado uma resposta tão instintiva nos círculos pós-esquerdistas. É claro que existe um monte de fascista no movimento ecologista, mas isso não significa que você pode usar um termo para descrevê-los!

Nos círculos mais distantes dos antifascistas acadêmicos, "fascismo" é um insulto muito carregado, é "a coisa mais malvada de todas", uma posição vazia que aparentemente está fechada para qualquer inovação. Todo tipo de avaliação crítica deve ser deixada de lado. No melhor dos casos, você até pode ler um artigo, um livro, sobre fascismo só para confirmar seu próprio viés e se recusar terminantemente a ir além disso. Não deveria ser uma surpresa que o discurso anarquista verde sobre o fascismo muitas vezes se manteve fraturado de maneira ridícula e insignificante. “Pois é, nacionalismo não é essencial para o fascismo, o modernismo sim, então os meus compadres brancos nacionalistas pagãos não são fascistas. Por definição, eles não podem ser". Até hoje, ainda tenho medo da pessoa que diz que Indivíduos tendendo à Selvageria são exatamente o oposto dos fascistas porque a sua fetichização machulenta do assassinato aleatório constitui a liberação de paixão libidinal ao invés da sua supressão.

O que está no núcleo do fascismo obviamente segue sendo uma pergunta controversa. O que define o fascismo?

E existem pontos ainda mais profundos em jogo aqui: como podemos distinguir e processas os conceitos em geral. O que define qualquer termo? Será que o anarquismo é um objetivo (uma sociedade sem classes onde todas as pessoas formam comunidades e os bens são guardados em dispensas coletivas onde toda quinta-feira, de acordo com um processo modificado de consenso, acontece...), é um filosofia ética (a busca pelo aumento da liberdade de todo mundo), é um código de conduta (nunca tome a iniciativa na violência agressiva), uma coleção variada de rituais numa subcultura (consenso, comida ao invés de bomba, dar um pau na polícia...)? Será que ele é um discurso relativamente fechado onde todo mundo lê autores semelhantes e usa termos semelhantes? Será que o anarquismo é aquilo que a grande maioria das pessoas pensa que ele é baseado no que a mídia diz (quebrar vidraças para alcançar um mundo onde todo mundo se mata porque "foda-se o sistema")?

De maneira semelhante, será que a ciência é um fenômeno sociológico nas culturas Ocidentais Educadas Industriais Ricas e Democráticas? Seria ela um conjunto de instituições? Seria uma metodologia? Ou uma direção de pensamento, um tipo de desejo?

É claro que cada uma dessas definições possui substância, e elas podem se influenciar mutuamente e se interrelacionar. Mas devemos ter cuidado com a pessoa que tenta embaraçar todas essas definições numa coisa só - e mais ainda caso tente tomar essas associações como um pacote único. Entender que diferentes pessoas têm diferentes definições em mente - às vezes uma fusão confusa - não é a mesma coisa que pensar que não existe uma definição mais útil. Em última instância, radicais tentam usar a linguagem e esquemas conceituais para "destrinchar a realidade pelos ligamentos" - para enfatizar o que está mais profundamente enraizado e o que pode ser movido. Para mapear não apenas particularidades míopes do existente, mas a amplitude total do possível.

Então, será que o fascismo está sendo malvado ou está dizendo para as pessoas não fazerem certas coisas? Será que o fascismo é uma gigantesca máquina industrial de mortes? Será que o fascismo é uma forma de estatismo?

Por décadas, acadêmicos e eruditos antifa instauraram um consenso meio bruto: o fascismo é um ultranacionalismo palingenético anti-moderno, a ausência de empatia por estrangeiros e a fetichização de um retorno violento a um passado mitologizado - com um arquipélago de posições frequentemente conectadas como os essencialismos patriarcal e supremacismo branco. Porém, como corresponde a ativistas pragmáticos, essa é uma definição mais política do que filosófica ou psicológica.

Para tentar falar do fascismo como uma filosofia claramente será preciso deixar de lado um monte de particularidades arbitrárias como o antisemitismo. Mesmo a maioria dos racistas não argumentaria que existe um conceito de branquitude a priori. Ao invés disso, o que resta é uma intensificação da ideologia do poder que já domina o mundo ao nosso redor. Pessoas que enxergam as coisas exclusivamente em termos de coerção, identidade e hierarquia... um jogo simplista mas generalizado que elas tentam vencer. Foda-se a empatia, a ética, a compaixão, o amor e todas as outras formas de investigação intelectual. Foda-se até mesmo a mente, vamos fetichizar a brutalidade da força. Certo é o poder. A tribo imediata de um contra a de todos os outros.

Entretanto, é importante que não nos lancemos muito longe nesse tipo abrangente de compreensão filosófica enquanto a realidade política do fascismo continua em marcha.

No discurso popular, o fascismo geralmente é apontado levianamente como assassinato em massa e um Estado autoritário. Porém, por mais que essas coisas sejam muito ruins, elas não são únicas. Será que era "fascismo" quando Gengis Khan exterminou uma grande fração da população humana? Será que era fascismo quando o rei Leopoldo escravizou e massacrou milhões de pessoas? Será que a colonização europeia e a campanha de extermínio nas Américas era fascismo? Será que o Estado de Ran Wei, que exterminou os Wu Hu e os Jie, era fascista? Teria sido Mao? Será que as primeiras tribos que realizavam ataques surpresas em território inimigo eram fascistas?

Certamente podemos concluir que, em termos éticos, essas eram situações comparáveis - e até enfatizar seu caráter fascista - sem ter que, no processo, reduzir inteiramente o "fascismo" a essa fina sujeira. O maoísmo, imperialismo, fascismo, todos eles podem ser horríveis cada qual de forma única. Pode ser revelador apontar as premissas de pensamento fascistas que acontecem em cada um. Pode ser produtivo falar em "fascismo vermelho" ou chamar certas forças de "fascistas". Mas também é importante reconhecer que as ideologias que acarretam assassinatos em massa não são homogêneas. O autoritarismo implícito de Marx pode ter impregnado o marxismo com uma certa inclinação em direção aos horrores do totalitarismo, mas nunca será possível parar seja o marxismo ou o fascismo se você as mistura como uma mesma papa indiferenciada de maldade.

O primitivismo é conceitualmente distinto do fascismo.

E a ecologia não é o nacional-socialismo.

Obviamente.

Existem ideias fundamentais diferentes. E elas emergem também de alguma forma diferente. Por exemplo, as raízes marxistas de Zerzan são bastante óbvias - ele não chegou na sua visão política por Evola ou Schimitt. Mas, é claro, existem algumas raízes mais confusas, como aconteceu com muita gente da classe aristocrática que recuou para as artes liberais no início do século XX e que se colocou contra a civilização, o mundo moderno e a tecnologia. Veja por exemplo, Heidegger e muitos dos professores de Kaczynski em Harvard. Mas no geral, existem ideias distintas em amplos contextos sociais distintos.

Fascismo e primitivismo não são a mesma coisa.

Entretanto, existe uma aproximação bem óbvia entre eles. Existem sobreposições bastante grandes e significativas entre as ideologias verdes e as fascistas. E existe uma tonelada de nazistas que fundamentam explicitamente suas políticas (que justificam sua filosofia) em termos ecológicos.

Ignorar isso requer ignorar brutalmente o que é o fascismo - reduzindo-o a meramente um velho autoritarismo qualquer, ou adotando falsamente narrativas falsas e ultrapassadas sobre ele ser inerentemente capitalista, modernista ou formalmente estatista (como contraexemplo, veja os "anarquistas nacionalistas").

Um retorno cataclísmico a um passado mitologizado, direcionar a atenção e a empatia para o que há de local, reificar a identidade essencialista, de um estado natural de ser e uma ordem natural... Tudo isso brota e caminha lado a lado dos mesmos impulsos centrais que motivam todos os tipos de pessoas que falam de um retorno à natureza. Existe a mesma dinâmica subjacente seja no fascismo, seja no primitivismo.

Um anarquista sincero como Zerzan pode ter algo bem diferente em mente quando fala de natureza humana, mas em ambos os casos, o componente agencial, o ético, o componente da investigação filosófica ativa é abandonado. O Bem não é algo a ser investigado, criticado, ou descoberto mais integralmente, mas apenas algo a ser adotado por padrão. Ele aparece completamente formado, como os mandamentos ou uma bíblia sagrada - e normalmente tão arbitrária quanto- existe apenas algum plano, algum estado de ser, alguma configuração primal que persistentemente devemos obedecer. E nesse tipo niilista de abnegação, encontramos algo enquadrado como "libertação", liberdade de pensamento, liberdade do estresse de ter que decidir e avaliar.

As ideologias verdes dificilmente estão sozinhas nessa virada desastrosa para a falácia naturalista - daria para certamente citar vários comunistas e capitalistas -, mas elas são vitoriosas sem concorrentes nesse âmbito. E aí é onde as ideologias verdes, podemos dizer, têm algo mais em comum - na raiz - com as ideologias fascistas do que com as comunistas e capitalistas.

Nenhum primitivista, anti-civilização ou ativista verde de qualquer naipe está clamando pela estética precisa de Auschwitz. Porém, podemos perceber que chamados para assassinatos em massa são relativamente um lugar comum. Não é preciso sair escancarando seu vizinho desequilibrado através de um blog que mescla merdas pagãs, primitivistas ou fascistas; existe uma longa história de lixo essencialista, racismo, patriarcal nos círculos verdes. Mesmo Ivan Illich apoiava a "ordem natural" através de bases eugênicas para evitar a "degeneração genética" que ele acreditava caracterizar a era atual. As merdas reacionárias trazidas à tona por figuras influentes como Dave Foreman, Edward Abbey e Ted Kaczynski são tão numerosas que não tem como listá-las.

O meu ponto aqui é que isso reflete a tensão mais profunda e fundamental sobre como respondemos ao pensamento e à capacidade de ação humanas e seus efeitos negativos. Será que abraçamos ou suprimimos isso? O fascismo e muitas ideologias verdes estão presas na ressaca em um dos lados dessa questão, daí a propensão a dançarem juntos.

Em uma infame declaração defendendo uma publicação reacionária em particular, uns caras perguntaram recentemente a seguinte questão retórica importuna, "e se a Terra verdadeiramente estiver em primeiro lugar?"

Bom, num certo sentido, essa é uma questão particularmente horripilante. É pegar o slogan de verdes reacionários como Foreman e tentar extrapolar conclusões filosóficas absolutistas. E sim, as ramificações podem apenas ser algo perto do extermínio total da vida consciente. No Instituto Selvagemista (Wildist Institute), John Jacobi literalmente afirmou que as pedras têm mais valor que as pessoas. É a posição conservadora mais extrema! Pensar, ser capaz de agir, em si mesmo, isso muda as coisas e esse tipo de mudança é ruim.

Obviamente, não estou dizendo que o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães tinham "a extinção humana e a proibição da consciência" como uma plataforma política. Nem eles foram tão longe! Nem qualquer dos pivetes da "civilização ocidental" enaltecedores da "identidade" da nossa era está sonhando com uma purificação étnica que deixasse não mais que pedras pela Europa. Mas faz sentido a rejeição niilista do pensamento engajado e da empatia em favor do essencialismo? Um violento retorno a um passado mitologizado? Claramente, essas coisas estão no ar, mesmo que não tenham ainda aterrissado.

Os tipos de viagens ideológicas presentes nos mais extremos círculos verdes de diversas formas se parecem com uma limpeza das mesmas forças ideológicas em jogo na Alemanha de Hitler. Será que abraçamos as complicações ocasionadas pelo pensamento, ou nos afastamos delas? Quando a razão luta ou expõe complicações, será que redobramos a razão em si ("foi o próprio erro que nos trouxe até aqui") ou abandonamos ela? Vamos escolher a liberdade ou a segurança?

Se existe um pecado em Ecofascismo: lições da Experiência Alemã, é que o livro não se dedica suficientemente a essas questões mais profundas. A invectiva bookchinita atinge os contornos externos, mas termos como "místico" ou "irracional" não dão realmente embasamento para ou explicam o assunto. Frequentemente, a abordagem é um empréstimo direto dos resmungos de Bookchin sobre o meio anarquista. E isso é perigoso, pois significa que um monte de argumentos são insinuados mas não diretamente apresentados. O que é um pecado necessário em alguns contextos, porém ninguém que enfia goela abaixo uma crítica do "humanismo" como apenas uma forma de "nacionalismo humano", por exemplo, irá responder bem a referências positivas ao humanismo ou afirmará implicitamente que alguém tem objeções a isso seja, portanto, um reacionário.

O que Ecofascismo: lições da experiência alemã tenta fazer é, ao invés de trabalhar sobre um argumento mais profundo do porquê o fascismo e a ecologia entrarão na órbita um do outro, fornecer uma lista de encontros. Aí dá para ver por que a crítica fez um tremendo alarde. Porém, os exemplos de cruzamento entre os dois que o livro aponta são muito sólidos, e na verdade formam uma coleção avassaladora.

Admito que, embora eu seja familiar com muito do que Biehl e Staudenmair versaram sobre, a agudeza de alguns exemplos e a implacável tempestade deles chegaram inclusive a me chocar.

Em precursores comuns do pensamento nazista e verde, como Ernst Moritz Arndt, encontramos declarações explícitas afirmando que ambos estão interconectados como uma totalidade e, portanto, um ser humano é igualmente importante ou desimportante quanto uma minhoca ou uma pedra. Algo não muito distante de Jacobi. Capacidade de agora, consciência, e liberdade? Quem precisa delas? Esse retorno às pedras inertes chocaria muitos dos anarquistas verdes que conheço, os quais são motivados a valorizar os ecossistemas como um todo devido ao dinamismo, à fluidez e à adaptabilidade que veem neles. Porém, o "orgânico" que os nazista amavam não possui essas conotações, mas pelo contrário, lança tudo como um órgão de um todo (estático) maior. Em outros reacionários extremos influentes como Wilhelm Heinrich Reil, encontramos um discurso literal sobre os "direitos" das florestas.

Ambas figuras pegaram as tendências essencialistas e anti-senscientes do seu ambientalismo e levaram a conclusões hiper-nacionalistas e anti-semitas. A totalidade e o espírito cósmico (Gaia?) tiveram tal influência a ponto de apagar a capacidade individual de agir e apresentaram todas as pessoas como engrenagens dentro da grande máquina da natureza, de uma biorregião, de uma nação... E quando o inimigo é o cosmopolitanismo e a racionalidade, o anti-semitismo está logo atrás.

Ernst Haeckel, que literalmente cunhou o termo "ecologia" ligou holismo com essencialismo biológico dentro do racismo, nacionalismo, imperialismo. O monismo amarrou esse hiper-autoritarismo diretamente ao ambientalismo: os seres humanos são arrogantes engrenagens cujas capacidades cognitivas limitadas nunca poderão jamais superar a natureza. Logo, devemos retornar ao nosso papel de engrenagens relativamente sem pensamento. É a ordem natural como uma justificativa para a ordem social.

O que Ecofascismo: Lições da Experiência Alemã destaca é a forma como o socialismo nacional emergiu de um meio alemão de movimentos conservadores e new age (“pratico-yoga-como-orgânico-medito-uso-meias-com-sandália” tipo de pessoa) que se centravam no ambientalismo e na rejeição da racionalidade. Como exemplo do lado da new age, o movimento jovem Wandervogel pegou o misticismo e a hostilidade à razão como parte de uma agenda de "espíritos livres", eventualmente transitando sutilmente da veneração da natureza para a veneração do Fuhrer.

Entre os filósofos reconhecidos, temos Ludwig Klages, autor de "O Homem e a Terra", que pegou tudo isso, completou com a hostilidade ao utilitarismo e a "ideologia do progresso", desembocando diretamente no hiper-conservadorismo, nacionalismo e anti-semitismo. E - vejam só! - o grande mal que ele identificou por trás de todas as coisas que ele se opunnha? Nossas mentes. Todo pensamento racional deve ser abolido.

E, é claro, todos sabemos a história de Heidegger, cuja simpatia pelos nazistas tem a ver com o essencialismo. Nos encontramos lançados no mundo, com todos os tipos de casualidades inclusas, nossos corpos, contextos social, ambientes, nosso local de nascimento, etc, e ao invés de alcançar qualquer distância agencial de tais arbitrariedades particulares, o Grande Filósofo Nazista quer que as abracemos. Uma entrada fundamental e inextricavelmente anti-intelectual, ser ao invés de se tornar, identificando-se com nossas amarras situacionais ao invés da verdadeira fluidez e agência.

Tá, claro, então nazis e movimentos ambientalistas frequentemente compartilham raízes em comum, e essas figuras fundadoras viram as políticas direitistas que nós em geral associamos com o termo "reacionário" como algo obviamente vinculado com um retorno à natureza assim como com uma valorização mais profunda dela. Mas isso é apenas uma parte do contexto! O período entre-guerras foi complicado e confuso. Então não seria óbvio que a conexão dos nazistas com esses movimentos ambientalistas era superficial, escolhida a dedo?

Bom, se pudéssemos - como os libertários do Instituto Mises -, de alguma forma, ignorar que o slogan central nazista era Sangue e Solo, Staudenmaier não cede terreno, vinculando esses hiper-reacionários ao centro e ao nascimento do movimetno ambientalista ao passado nazista. Richard Walther Darre, por exemplo, é um nazista importante e ambientalista, em cuja história consta uma anedota que conta que ele pessoalmente convenceu Hitler e Himmler sobre a necessidade de exterminar os judeus.

Mas talvez isso seja injusto. Que tal ouvirmos diretamente Hitler?

"Quando as pessoas tentam se rebelar contra a férrea lógica da natureza, elas acabam entrando em conflito com os próprios princípios aos quais elas devem suas existências como seres humanos. Suas ações contra a natureza necessariamente as levarão a sua queda." (Minha Luta)

Não deveria surpreender ninguém que Hitler era muito chegado nas leis da natureza, nas forças da natureza, nas identidades naturais, nos papeis naturais, tanto ao ponto dele ser um ávido fã de numerosas práticas e noções ambientalistas. Mas mesmo que seja óbvio e conhecido por qualquer pessoa que o tenha lido, isso ainda é algo que o nosso discurso normal impede que reconheçamos diretamente. E não é apenas o essencialismo humano, mas a subjugação da consciência humana pela natureza, como aponta Robert Pois em Socialismo Nacional e a Religião da Natureza: "Por todos os seus escritos, não apenas Hitler, mas a maioria dos ideólogos nazistas, podemos perceber uma depreciação fundamental dos seres humanos em relação à natureza".

E a coisa continua. Walter Schoenichen, chefe da Agência para a Proteção da Natureza do Reich, vincula o nazismo com o organicismo e holismo ambientalista e fala de uma "sobrecivilização" de humanos. Hitler e Himmler embarcaram entusiasticamente em todas essas coisas.

E não era algo marginal ou enfeites estéticos divorciados da política. Reich Chancellor Rudolf Hess, nomeado por Hitler com seu "conselheiro próximo", o segundo depois de Goring para suceder o Fuhrer, ajudou a implementar o ambientalismo ideológico do partido nazista através de uma série de leis, programas de reflorestamento, proteções legais para espécies, bloqueios ao desenvolvimento industrial, etc. Os nazistas criaram as primeiras reservas naturais da Europa.

Agora, pouco importa - e Ecofascismo: Lições da Experiência Alemã não transparece no seu título - que a história seja um pouco diferente na Itália, o lugar onde o "fascismo" foi lançado originalmente. As raízes primordiais do fascismo lá são interessantes e - embora menos influentes que a expressão socialista nacional - ainda prevalecem de diferentes formas nos meios fascistas contemporâneos. Um "modernismo" que quer arrancar destrutivamente todo o legado do passado inicialmente combina bem com a virada de Mussoline para um nihilismo que reverencia a violência. É claro que existiam dezenas de futuristas que eram anarquistas e condenaram e lutaram contra o fascismo, e também não havia dúvida que havia alguns ecologistas que combateram o regime nazista. O livro Ecofascismo não faz nenhuma tentativa de mostrar essas complicações.

Mas vale a pena examinar o arco que vai do modernismo italiano para a ecologia alemã. Isso porque, é claro, no final o fascismo italiano se virou contra os futuristas - emprestando dos conservadores alemães críticas sobre a cultura globalizada, logo denunciando o futurismo como uma arte degenerada. Ainda assim, ao mesmo tempo que os nazistas tinham como apelo central o passado e o essencialismo de uma forma que conflitava profundamente com certas noções "modernistas", eles também abraçaram edifícios artificiais, paradas militares e uma máquina de guerra gigantescos. Embora acadêmicos geralmente coloquem o fascismo como principalmente anti-moderno, certamente alguns o viram como fornecedor de novas narrativas e estruturas titânicas que podiam eliminar o passado. Novas mega narrativas e estruturas? Parece meio esquisito em relação a um retorno para uma vida natural simples.

Mesmo assim, a despeito do seu nome, os futuristas se importavam menos com todas essas conotações sobre "progresso" do que com a destruição masculina violenta, a masculinidade essencializada, a violenta destruição da ordem existente. De fato, essa adoração do novo, da gigantesca guerra mecanizada, apareceu fundada na noção de um retorno à identidade essencial, natural. Então, mesmo que nas correntes que mais apreciavam o horror industrial, ainda havia uma falácia naturalista que venerava um tipo de consciência e racionalidade que cheiravam a violência.

Ainda, é lógico que os nazistas criaram uma máquina de guerra industrial. Eles não eram primitivistas completos. Obviamente.

Os nazistas certamente acreditavam no ambientalismo e na redução dráastica da "sobrepopulação" da Europa e do mundo, mas eles eram tão comprometidos com a supremacia da raça ariana mística assim como com o projeto de estado-nação e a máquina de guerra para poder realizar seus objetivos. Os nazis demandaram a agricultura orgânica, mas não estavam destruindo todo o setor agrário. Na sua sede por poder, construíram projetos infraestruturais gigantescos como a Autobahn, e uma enorme vigilância burocrática para, no final das contas, fazer essa "harmonia com a natureza" não contar muito. Havia protestos internos dos verdadeiros crentes ideológicos dentro do movimento nazista contra coisas como drenagem de pântanos, mas mesmo assim isso foi levado a diante.

Os ambientalistas radicais tentaram passar a "Lei para a Proteção da Mãe Terra do Reich" e tiveram o apoio de todos os ministros menos o da economia, que estava mais preocupado com a mineração e a industrialização necessárias para realizar a guerra.

Essa é mais ou menos a história do partido nazista. Enquanto uma ideologia ecológica reacionária fundamentasse suas aspirações, eles precisavam fazer as coisas para poder alcançar seus ditos fins e isso, em última instância, significava uma máquina industrial de guerra.

Para aquelas pessoas que veem a mecanização da matança no século XX como uma forte, qualitativa e objetiva interrupção com a matança generalizada do milênio anterior, o fascismo serve apenas como o mais emblemático dos exemplos. Nessa perspectiva, é algo mais sólido como o "modernismo" que é responsável pelo nosso senso de horror com relação ao regime nazista. E certamente podemos sentir um impulso para fundir marxismo, capitalismo, e o fascismo como sendo a ideologia principal, já que os meios que elas escolhem acabam fortemente convergindo.

Porém, então, os primitivistas são familiares com esses prós e contras dos meios-e-fins. John Zerzan usava óculos. Ted Kaczynski usava tecnologia para matar pessoas. Quase sempre haverá algum pragmatismo em como alguém se engaja num mundo do qual não gosta, especialmente quando quer ver uma mudança cataclísmica. Embora eu esperasse que ninguém que esteja lendo este texto aceitasse um Estado-nação como uma máquina industrial de guerra como sendo um meio válido, devemos admitir que sempre há o perigo do utilitarismo sedutor em nossos meios.

Que o leninismo alega, grosso modo, os mesmo valores ou objetivos que o anarco-comunismo, isso, na verdade, é motivo para parar e refletir sobre como tal divergência catastrófica "na execução" pode acontecer e se ainda existe alguma semente duradoura desse tipo na ideologia anarco-comunista atual. Só porque perdemos o desvio para o massacre industrial total levado pelo Estado-nação não quer dizer que conseguimos evitar todo tipo de corrupção. Há lugar para as críticas de anarquistas verdes que diagnosticam tendências comuns entre as máquinas industriais de morte da nossa era.

Porém, será inútil definir o fascismo meramente em termos de tais meios estatistas extremos. E a miríade de fascistas que, desde o terceiro Reich, se posicionaram contra ambos, o estado e a sociedade industrial, deveria nos lembrar que o fascismo é uma filosofia do mal anterior aos meios malvados que ele escolhe. Hoje, podemos apontar para merdas como os Lobos da Vinlândia e Augustus Invictus (agora ele é um grande fã do tio Ted), e em 1995 certamente não faltavam exemplos para Janet Beihl. Quem pode, nessa era, verdadeiramente opor-se à frase de Wolfgang Haug que diz: "A Nova Direita, com efeito, quer, acima de tudo, redefinir as normas sociais para que a dúvida racional seja encarada como decadente e seja eliminada, e que novas normas "naturais" sejam estabelecidas."

Os atuais ecologistas ocultistas que falam de uma força vital cósmica obscura ou que divagam sobre a "natureza selvagem" e a intuição não são desvios malucos do fascismo histórico, mas estão na mesma longa e contínua linha. E não é difícil ver por que o essencialismo naturalista falacioso e a hostilidade ao pensamento se tornaram componentes comuns entre ecologia e fascismo. No livro, Bookchin é parcialmente colocado fora disso, como mostra uma citação sua: "uma ecologia que é mística, por sua vez, pode se tornar uma justificação para um nacionalismo místico”.

Mas, infelizmente, quando chegamos ao contexto moderno, Ecofascismo: Lições da Experiência Alemã lança seus ataques em parte trabalhando para a agenda bookchinita.

Na verdade, Bookchin parece bem feio de uma perspectiva antifascista. Biehl cita uma discussão que ele teve com Rudolph Bahro e dedica um bom número de páginas expondo todas as associações e afirmações fascistas de Bahro. Tudo isso desemboca numa enorme citação onde o velho Bookchin aniquila totalmente Bahro ou algo assim após aceitar um convite de fala dele. Pára tudo! Sim, você leu certo. Aceitou um convite pago para falar. Isso é tão altissonante quanto a parte que Jeff Tucker admite em seu próprio livro que um milionário nazista tentou recrutá-lo.

Podemos ter uma impressão diferente de que Bookchin - sempre propenso a uma fala paga e com sua clássica ingenuidade ## Sem Plataforma, de um velho dinossauro de esquerda - fez merda e agora a incumbência dos seus seguidores é limpar a bagunça que ele deixou, se esforçando para reenquadrar a narrativa como antifa.

Mas talvez Bookchin aceitar o convite de fala vindo de um líder fascista - ou pelo menos bem fascho - era uma decisão estratégica bem esperta que fez mais bem do que mal. Quem sou eu, décadas depois, para julgar? Porém, certamente temos a impressão de que Biehl sabe que tudo isso soa muito mal e está escrevendo muito em função de reverter isso.

Dei ênfase nesta resenha, muito mais fortemente que nas minhas outras resenhas de livros antifascistas, às ideologias não-fascistas que estavam em jogo: as amplas ideologias "eco" como primitivismo, ecologia profunda, anti-civ, selvagismo, eco-extremismo, etc, uma misturança de posições muito próximas que tratei de uma maneira meio jogada, mas também as posições dos atacantes aqui, o boochinismo, a ecologia social, o municipalismo libertário, etc. É difícil fazer diferente. Esse é um livro que serviu como uma arma na guerra ideológica, mas distante do próprio fascismo, mesmo sendo um livro sólido sobre fascismo.

Vale ressaltar que Bookchin se via como um verde. Ele tentou desenhar um caminho do meio que evitava o conflito entre a capacidade de ação e a natureza, entre pensamento e estase. Ele viu a subida histórica de Estados e hierarquias sociais como um erro profundamente irracional, um artefato de uma transição turbulenta da evolução biológica para a evolução social.

"Após dez mil anos de evolução social bastante ambígua, devemos reentrar na evolução natural”, e instaura "não menos a humanização da natureza como a naturalização da humanidade". (Ecologia da Liberdade)

E assim,

"a evolução natural desembocará na auto-consciência, no cuidado, e na compaixão com a dor, com o sofrimento, e com os aspectos incoerentes de uma evolução largada à própria sorte, que geralmente se desdobra de maneira instável.

Aqui vem o pepino: e se tudo isso é impossível?

E se os seres humanos simplesmente não conseguem interagir extensivamente com a biosfera de um jeito benéfico para ambos?

Bookchin era péssimo na compreensão ou disputa com a complexidade e a teoria da informação. Sua visão econômica era uma tremenda burocracia participatória - de intermináveis reuniões - que quase instantaneamente repele todo anarquista, não importa o quão interessado ele possa estar. Era também, como é óbvio para qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de economia, impossível. Simplesmente não dá para fazer crescer em escala a tomada de decisão coletiva de forma que ainda seja favorável ou que satisfaça os reais indivíduos para além de um pequeno projeto rural. Projetos ou produtos tecnologicamente complexos - e menos ainda qualquer economia inovadora ou fluidamente adaptativa - requer dinâmicas de mercado.

Dessa forma, será que é de se surpreender que Bookchin tenha falhado em lidar com as questões de complexidade em jogo na nossa integralidade ecológica?

Os cérebros humanos não conseguem lidar ou compreender produtivamente a biosfera muito mais do que os planejadores do soviete central conseguiram lidar ou entender o mercado. Mas tampouco podemos silenciar a destrutividade inata de nossa criatividade e nossa capacidade investigativa de vivermos em "harmonia" dentro da natureza puramente como engrenagens instintivas.

Com isso, não estou sugerindo um chamado para uma guerra de extermínio, mas um divórcio - o mais agradável possível, espero, e com pensão alimentícia. Uma justiça restaurativa perfeita é impossível, mas podemos fazer o mínimo essencial: retirar os pavimentos, fechar as saídas de dejetos das fábricas, replantar o Saara, recuar para cidades fechadas, e por fim, sair da Terra.

Pensamento ativo inerentemente significa risco, instabilidade e ruptura. Não podemos abraçar a integralidade como Seres enquanto, ao mesmo tempo, expandir nossa liberdade para o interminável processo de Vir-a-Ser. A ecologia social de Bookchin foi, no final das contas, uma tentativa equivocada e desesperada de unir coisas incompatíveis.

Uma vez tiradas as escolhas mais fundamentais, torna-se aparente que fascismo e primitivismo não são ideologias absurdamente diferentes que se misturam de forma bizarra - não, elas são muito próximas porque elas brotam da mesma raiz. O mesmo impulso reacionário a aceitar o estável e o pré-existente.

Essa é uma realidade que Bookchin era péssimo em compreender porque 1) ele era avesso a realmente examinar a inclinação a falácias naturalistas que ele herdou de Kropotkin, e 2) porque ele certamente não era muito consistente com relação à liberdade.

Então, a avaliação de Bookchin permanece superficial: o problema é que os verdes maus rejeitam a bagagem histórica da esquerda, como o Iluminismo e a racionalidade. Porém, o problema é que termos como "modernismo", "racionalidade", e "o Iluminismo" há muito tempo se tornaram uma massaroca tanto de coisas boas quanto de coisas ruins, permitindo que as pessoas ora usem-nos para criticar, ora para se defender. Termos como "razão" foram sequestrados e deformados em certos discursos até que conotem não pensamento crítico, mas a imposição de certos regimes de administração codificada.

E, caramba, como Bookchin adorava umas distopias burocráticas de tirania coletiva. Assim, as mesclas mais problemáticas tornaram-se piores pelos seus defensores, envenenando o discurso anarquista por mais de uma geração.

Ecofascismo: Lições da Experiência Alemã está profundamente montado em toda essa história. Hoje, ele parece um cadáver de um conflito ideológico onde nenhum dos combatentes tinha futuro. Isso é uma pena, pois diferente de livros mais rigorosos como A Política do Sangue e do Solo: Ideais Ambientalistas da Alemanha Nazista, ele foi confeccionado de uma maneira linda para ser sucinto e acessível para o todo do movimento anarquista.

Botei um monte de lenha na fogueira falando da ideologia responsável pelo livro, mas, cá entre nós, eu gostei. O que me preocupa é que só consegui fazer uma leitura generosa estando décadas afastado do conflito e tendo queimado minhas próprias pontes com o pós-esquerdismo. Duvido que muitas outras pessoas, curtidas há tanto tempo no tribalismo da pós-esquerda, terão qualquer motivação para pegar o livro, ou, a essa altura, tenham qualquer coisa nas suas veias.

Hitler ser vegetariano foi por muito tempo o clássico exemplo fácil de uma posição ideológica irrelevante.

Mas e se não era?

E se toda a papagaiada "hippie direitista" dos nazis não era um barulho aleatório, mas estava profundamente relacionada à sua ideologia fundamental? E se o, aparentemente, insano balaio de gato de posições que os nazis sustentavam fossem, na verdade, relativamente coerente?

O livro Ecofascismo não é uma confusão de associações marginais. Ele apresenta, de maneira convincente, o papel significativo que a ecologia teve no desenvolvimento do socialismo nacional. A variante do fascismo de Hitler - de longe, a mais influente - estava profundamente ligada às narrativas da "ecologia", e aos essencialismos diretos e à rejeição do pensamento que isso proporciona. Entretanto, para entender de fato essa forte associação, e menos para combatê-la, requer irmos além da confusa perspectiva que Bookchin fornece.

h2. O Mito da Natureza

\_João Bernardo\_

[https://passapalavra.info/2011/11/98773/]